

Deise Dill<sup>1</sup>

Franciele Thomé<sup>2</sup>

Carlete Maria Thomé<sup>3</sup>

Douglas Orestes Franzen<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo perceber e desenvolver a metodologia de ensino de História Oral através de práticas de memória e identidade cultural por meio do resgate de receitas culinárias e tradições familiares. Com base nisto, buscou-se fundamentar com autores referentes a conhecimentos de história oral, memória e identidade. Após isso, foi realizada uma entrevista com a Maria Amélia, buscando resgatar a história de sua vida e de sua receita dos “Dampfnudeln”, o qual é apreciado por muitos.

**Palavras-Chaves:** História Oral; Entrevista; Receitas; Dampfnudeln.

**ABSTRACT:** The objective of this work is to understand and develop the teaching methodology of Oral History through practices of memory and cultural identity through the retrieval of culinary recipes and family traditions. Based on this, it was sought to base with authors referring to knowledge of oral history, memory and identity. After this, an interview was conducted with Maria Amélia, seeking to rescue the story of her life and her recipe of the "Dampfnudeln", which is appreciated by many.

**Key Words:** Oral History; Interview; Revenue; Dampfnudeln.

## 1 INTRODUÇÃO

Para a realização deste trabalho, foi escolhido a metodologia de história oral, a qual consiste em realizar uma entrevista. A entrevista foi realizada com a vovó Maria Amélia Back Soehn, que nos relatou um pouco da sua história e da sua deliciosa receita dos “Dampfnudeln”.

Teve-se como objetivo geral, desenvolver a metodologia de ensino de História Oral através de práticas de memória e identidade cultural por meio do resgate de receitas culinárias e tradições familiares.

Neste projeto foi descrito um pouco sobre a “história oral como metodologia de ensino” abordando sobre a “identidade e memória”. Descrevendo o “resgate histórico da vovó” e apresentando a “metodologia, objetivos e desenvolvimento da atividade”.

---

<sup>1</sup> Acadêmica Pedagogia, UCEFF – Itapiranga/SC. [deise\\_dill@hotmail.com](mailto:deise_dill@hotmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica Pedagogia, UCEFF – Itapiranga/SC. [francithome@hotmail.com](mailto:francithome@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutorando PPGL, UPF -Passo Fundo/RS. [carlete\\_sc@hotmail.com](mailto:carlete_sc@hotmail.com)

<sup>4</sup> Professor do curso de pedagogia UCEFF

## 2 HISTÓRIA ORAL COMO METODOLOGIA DE ENSINO

Para a realização do nosso trabalho, escolhemos o método de história oral, a qual consiste em realizar uma entrevista. O trabalho com a metodologia de história oral é um conjunto de atividades anteriores e posteriores aos depoimentos. Anteriormente realiza-se a pesquisa e o para a preparação dos roteiros das entrevistas que é a “peça fundamental para a aquisição dos detalhes procurados” (MEIHY; HOLANDA, 2010, p. 40). Posteriormente, foi realizado um levantamento de dados. Sendo assim,

[...] em história oral de vida, na medida do possível, deve-se trabalhar com o que se convencionou chamar de “entrevistas livres”; em história oral temática, o que deve presidir são os questionários [ou seja, os roteiros de entrevista], que precisam estabelecer critérios de abordagem de temas. As perguntas e as respostas, pois, são partes do andamento investigativo proposto (MEIHY e HOLANDA, 2010, p. 35)

As entrevistas da história oral são fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, fotos, imagens, e outros tipos de registro. “O trabalho com a história oral diz respeito, sobretudo a uma metodologia de pesquisa que se baseia em fontes orais. Essas fontes registram a experiência vivida, o depoimento de um indivíduo ou de vários de uma mesma coletividade.” (SCHMIDT 2009, p. 162).

Caracteriza-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas. Tornando o estudo da história mais concreto, facilitando a compreensão do passado e das experiências vividas por outros pelas novas gerações. “É necessário entender que o trabalho com a oralidade consiste numa fonte diferenciada para captação de informações, a qual está muito relacionada com o estudo da história local.” (SCHMIDT 2009, p. 163).

O trabalho com história local, principalmente ao utilizarmos a entrevista oral como metodologia, contribui para o reconhecimento de cada pessoa como sujeito histórico pertencente à comunidade, que também é um espaço onde se vive e produz sua própria história.

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da história nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência de fatos coletivos. (Thompson, 1992 p.17)

A proposta da metodologia da História Oral, fundamentada na construção da identidade e de memórias, se encaixa com as metas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para o ensino de História e Geografia dos anos iniciais. De acordo com o PCN a disciplina de História espera que:

Ao longo do ensino fundamental, os alunos gradativamente possam ler e compreender sua realidade posicionar-se, fazer escolhas e agir criteriosamente. Nesse sentido, os alunos deverão ser capazes de: utilizar métodos de pesquisa e de produção de textos de conteúdo histórico, aprendendo a ler diferentes registros escritos, iconográficos, sonoros (BRASIL, 1997, p.33).

Percebe-se assim que o ensino de História tem como compromisso, a preparação para a formação do cidadão, sujeito de sua própria construção de história, propondo uma reflexão sobre o passado próximo da realidade do aluno e o ajudar a se perceber como participante dessa construção. A metodologia da História Oral amplia e diversifica a compreensão dos alunos sobre a diversidade das fontes históricas, ampliando a ideia de que todo registro do passado deve se tornar um estudo da História.

Assim, o uso da História Oral como uma alternativa para o ensino de História oportuniza a construção de identidade, memória e cultura no meio educacional. Essa metodologia pode ser construída pelos próprios alunos, utilizando o gênero da entrevista para re/construir e resgatar a história de algum lugar ou de alguém, deste modo pode-se perceber que essa metodologia é muito importante para a construção da identidade social e auxilia o educando para que ele se perceba como sujeito ativo da História e não como mero expectador.

## 2.1 IDENTIDADE E MEMÓRIA

Na aplicação da história oral pode se perceber que a identidade do ser é formada dia após dia, com base nas suas experiências sem que ele perceba. Hall cita que

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre a sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre sendo formada. (2006, p. 38).

Diante disso, ao entrevistarmos pessoas diferentes pode-se perceber que a identidade se torna única a cada indivíduo, através da realidade de cada um. O indivíduo é moldado diante da diferença. A identidade para Mendes (2002, p. 504), é "socialmente distribuída, construída e reconstruída nas interações sociais". Diante dos grupos de convivência, família, amigos e comunidade. Hall aborda que

as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado „positivo" de qualquer termo – e, assim, sua „identidade" – pode ser construída. (2011, p. 110).

A nossa identidade está em constante transformação, ela tem como base as nossas vivências e experiências de vida, muitas vezes que ao longo da vida são esquecidas. Mendes (2002, p. 504), cita que ela é “socialmente distribuída, construída e reconstruída nas interações sociais”.

Nesta perspectiva, nossa identidade quanto ser humano pode estar em constante mudança, podendo ser modelado pelos processos globalizados e sendo influenciada pelas diversas culturas, ela

muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 2006, p. 21).

Através da interação com diferentes pessoas é visível que todos somos diferentes, únicos e próprios, possuindo diferentes formas de pensar, agir e ser. Nossa identidade é o que nos forma e

é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre „em processo”, sempre „sendo formada”. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é „preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 38-9).

Como seres humanos que passamos por tantas realidades e experiências de vida, o nosso passado nos guarda tantas lembranças que fazem parte de nossa identidade. Este resgate de memória é de suma importância, pois com base nas experiências já passadas nós, seres humanos nos auto avaliamos perante nossos atos na sociedade, nos percebemos e nos identificamos como sujeitos. A memória é fonte de ligação social, o qual associa o presente com o passado, pensando ainda no futuro, ela

é acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: „a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um „estar aqui” que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele (CANDAUI, 2011, p. 9)

Porém, Santos (2004, p.59) aborda que a memória não deve ser vista apenas como uma ação de voltar a uma lembrança do passado. “Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria memorização, o que estará ligado à questão de identidade”.

Somente buscamos por lembranças quando somos estimulados a lembrar de algo, por questionamentos ou quando visualizamos algum caso que já fez parte de nossa vida

algum dia. Pollak (1989, p. 9) afirma que a memória é uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”. Está “é um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, cenas, censura ou projeções” (NORA, 1993, p. 9). Na história oral, esses momentos de memória poderão vir à tona, mais detalhados ou não. Isso tudo depende das condições do sujeito quanto a sua capacidade.

A identidade decorre a questão da construção das noções de diferença e de semelhanças. Nesse aspecto, é importante a compreensão do “eu” e a percepção do “outro”, do estranho, que se apresenta como alguém diferente. Para existir a compreensão do “outro”, os estudos devem permitir a identificação das diferenças no próprio grupo de convívio. Ter atitudes de preconceito e discriminação é tratar diferente o nosso semelhante, por não ser o que somos, como destaca Tomaz Tadeu da Silva,

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define diferença. Isto reflete a tendência de tomar aquilo que somos como sendo norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que venho tentando desenvolver, identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. Numa visão mais radical, entretanto, seria possível dizer que, contrariamente à primeira perspectiva, é a diferença que vem em primeiro lugar. (SILVA, 2008, p.75-76).

Para entender melhor a identidade e diferença precisamos ter bem claro que para examinar os sistemas de representações faz-se necessário exercer uma relação entre cultura e significado, segundo Kathryn Woodward (in SILVA, 2008, p.17) “a representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? Quem eu poderia ser? Quem eu quero ser?”.

Piere Nora faz uma distinção entre memória e história, destacando que a memória se apropria da história, ocasionando o que ele chamou de “lugares de memória”.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se



teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993, p. 13).

Jacques Le Goff define a memória como uma fonte para conservar informações do passado, pois as memórias são coletivas fundamentadas na história e na antropologia, como destaca:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (GOFF, 1990, p. 423).

A memória coletiva tem como base as lembranças que os indivíduos recuperam enquanto integrantes de um grupo, e que a memória individual é fortalecida pela memória coletiva, porém, com uma construção propriamente individual. Para Halbwachs (2006):

Se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p.69).

Negar ou exilar a memória no passado, segundo Ulpiano Bezerra de Meneses (in BOSI, 1999, p.185), “é deixar de entendê-la como força viva do presente. Sem memória, não há presente humano, nem tampouco futuro”.

Entendemos que a memória não é imutável, mas sim está em constantes mudanças, pois a memória diz respeito não ao conhecimento do homem no passado, mas o conhecimento da dimensão temporal do homem. Vem ao encontro com o que Maurice Halbwachs (2006) destaca sobre a memória coletiva, pois para o homem entender melhor o seu passado ele precisa recorrer às lembranças de outros, assim determinados pela sociedade, tendo suporte um grupo limitado no tempo e espaço.

Vindo ao encontro que Margarida de Souza Neves (in ESBOÇOS, 2004, p. 14) defende, ela considera que é função da memória estabelecer os nexos entre passado, o presente e o futuro; procurando salvar o passado, não somente como mero resgate histórico, mas sim um processo direcionado a atuar no presente e orientar os caminhos do futuro.

Michael Pollak traz presente às ideias do sociólogo Maurice Halbwachs, a fim de demonstrar que a memória não é somente um fenômeno individual, mas também coletivo, para Pollak (1992):

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 2).

Somos frutos da nossa memória, fizemos parte de uma história (que está em constantes mudanças) para formar este “eu” que somos que é a nossa identidade.

### 3 RESGATE HISTÓRICO DA VOVÓ

Aquele cheirinho que sempre alegra, aquele gostinho de quero mais... é o que o “Dampfnudeln” nos traz. Por esta razão, nossa receita escolhida foi esta. Um prato típico dos descendentes da família Soehn, trazido da Romênia e tradicionalmente preparado nos dias de hoje. A vovó Maria Amélia Back Soehn foi a escolhida para ser a nossa entrevistada, por ela ter mantido este prato típico e por fazê-lo tão delicioso e especial.

Maria Amélia conta que nasceu no dia nove de julho de 1933 no Rio Grande do Sul, e quando ainda era bem jovem, a família toda veio para Santa Catarina, fixando residência em Linha Popi. Em seus relatos, conta que iniciou a escola com sete anos, “mesmo simples os professores eram bem competentes e respeitados pelos alunos”. Ela relata que teve uma infância muito pobre e não havia brinquedos, eles próprios inventavam suas brincadeiras. Usavam muito a imaginação. “Para brincar de boneca utilizamos pedaços de madeira enrolados em panos. Quando todos se reuniam, brincávamos de roda, esconde-esconde, sapata...”. Por serem em muitos na família, todos trabalhavam na propriedade, cada um tinha seus afazeres. “Levar os bois na roça, tirar leite, limpar a casa, fazer pão, pegar lenha e graveto para fazer fogo” e para ela o mais bonito era “fazer a comida com as panelas grandes e cheias, nunca passamos fome”.

Ela também frisou que para casar, precisava saber trabalhar. A família era muito religiosa.

Maria Amélia gostava muito de ir a bailes e reuniões dançantes no centro comunitários aos domingos de tarde. Em um desses domingos, ela conta que conheceu Johannes, que a tirou para dançar.

Ela se casou muito jovem, com 16 anos de idade, em 1949. Johannes à levou para Linha Laranjeira, longe de sua família, onde residem até hoje. Ali iniciaram uma nova família, tiveram 14 filhos, uma falecida, e enfrentaram diversas dificuldades.

Para entender a sua cultura também tivemos que recorrer a dados históricos. Família Söhn vieram em 1930 para Porto do Rio Grande/RS. Em seguida, se deslocaram de carroça para Porto Feliz - hoje Mondaí, dois dias depois vieram para Porto Novo - hoje Itapiranga, através de balsas improvisadas pelo Rio Uruguai, numa distância de 60 km, porque Itapiranga era uma colônia de católicos, já que Porto Feliz era habitada por evangélicos. Johannes, relata que também ficaram dois dias hospedados no *Volkverein* – Sociedade União Popular (associação dos alemães católicos do Rio Grande do Sul, fundada pelo Pe. Teodor Amstad, em 1912), na qual tiveram que, de forma urgente, escolher uma colônia e ir produzir. Escolheram um lote em Linha Laranjeira no meio do mato (com o dinheiro das economias), cerca de 5 km da cidade. Não haviam estradas, somente piques feitos de enxada. Mais tarde, *Volkverein* mandou uma patrula para auxiliar na abertura de estradas, pois tudo era mata nativa. Porto Novo pertencia a Chapecó, “foi comprada em etapas, a partir de 28 de janeiro de 1926, pelas *Sparkassen* do Estado do Rio Grande do Sul para o *Volkverein*, para que esta entidade iniciasse a formação de uma colônia a ser ocupada exclusivamente por alemães - natos ou descendentes - de religião Católica Apostólica Romana”. (JUNGBLUT, 2000, p. 73). Conforme Mayer (2017), o projeto Porto Novo se formou nos alicerces germânicos e católicos,

O projeto de colonização Porto Novo tinha suas peculiaridades, entre elas aceitar somente compradores de terras que fossem de origem germânica e católica, o que formaria, portanto, uma colonização étnica e confessional sustentada sob os alicerces do germanismo e do catolicismo. A colonização foi planejada, organizada e promovida a partir de 1926 pelo *Volkverein für die Deutschen Katholiken in* Rio Grande do Sul, fundada em 1912 pelos jesuítas de São Leopoldo/RS (MAYER, 2017, p. 24).

Intensivas propagandas trouxeram novos agricultores para colonizar as terras de Porto Novo, pois as colônias velhas do Rio Grande do Sul já estavam ficando insuficientes,

Intensa propaganda através da revista SKT. Paulusblatt da “colônia nova de Porto Novo” ocorreu nas colônias velhas do Rio Grande do Sul, cujas terras estavam ficando escassas devido ao esgotamento do solo, começaram a perder e vigor e ficar menos acessíveis, incentivando os descendentes de imigrantes a migrar em busca de regiões de colonização, favorecendo para que muitos colonos, em sua maioria jovens, buscassem a nova colônia em formação às margens do rio Uruguai no lado catarinense, que a essa altura parecia ser uma terra muito promissora para o desenvolvimento da agricultura. (MAYER, 2017, p. 24)



As migrações significam movimentos de pessoas, deslocamentos que acontecem por vários motivos, no entanto, razões econômicas e políticas são sempre determinantes. Para Chueiri e Câmera (2010), às razões econômicas, relaciona-se à falta de condições dignas de sobrevivência, “sujeitos ou grupos de sujeitos mais vulneráveis que fogem da pobreza, da miséria, da polícia, etc em busca de melhores oportunidades de vida e de trabalho que possam satisfazer as suas necessidades básicas – alimentação, saúde, educação, cultura etc.” (CHUEIRI; CÂMERA, 2010, p. 159). Portanto, segundo as autoras, razões políticas, relaciona-se à “impossibilidade do exercício de seus direitos, ou melhor, é quando a liberdade, a igualdade – e seus desdobramentos – ficam impedidas de ser exercitadas”. (CHUEIRI; CÂMERA, 2010, p. 159). Sendo assim, a emigração é ao mesmo tempo uma forma de abandono, existe um distanciamento da terra natal, e uma dificuldade em se instalar numa outra nação (falta de documentos, dificuldade com a língua, entre outros). Nesse sentido, independentemente do que motiva a migração, para Chueiri e Câmera (2010), sempre há fatores graves o suficiente para tornar o deslocamento a melhor opção, ou ao menos a única possível. O processo de acolhimento e de pertencimento a uma nova cultura, uma nova nação, em virtude do deslocamento, faz com que o imigrante se sente um estranho, afastado de sua casa, ao invés de proximidade, como podemos observar a seguir,

Chamamos de centro a casa ou o lar, os quais, por sua vez, nos dão uma sensação de proximidade, de pertencimento e de acolhimento. Assim, algo é tão mais distante quanto mais afastado de casa está (no sentido de se ter um mundo). Pode haver um ou vários centros, isto é, temos uma casa, uma cultura, uma identidade que pode ser étnica, nacional ou religiosa. Da mesma forma que pode haver uma ou mais periferias, na medida em que há culturas outras, outras identidades e há lugares onde não nos sentimos em casa, onde somos, assim, estrangeiros, estranhos. (CHUEIRI; CÂMERA, 2010, p. 170).

Levando em consideração, a história de emigração, a necessidade de se instalar em outras propriedades e nações, ou ficar na sua pátria, com possível ameaça de extermínio dos bessarabianos, mãe de Johannes, Mariana Volk Sohn, chorava por diversas vezes de saudade de sua terra e familiares que nunca mais pode rever. Sonhava em um possível retorno!

A cultura, tradições e a culinária se adaptava com a da Alemanha, Romênia e brasileira, utilizando alimentos que cultivavam. Um dos pratos que a Mariana mais fazia era o “Dampfnudeln” e foi esse entre muitos pratos que ela ensinou à Maria Amélia a preparar.

Maria Amélia relata que adorava preparar esse prato, pois todos gostavam de apreciá-lo. Hoje ela está com 85 anos de idade e bastante debilitada e por este motivo ela

não consegue mais prepará-lo. Porém, seus filhos continuam a reproduzi-lo, tentando encontrar o segredo que deixava o prato mais especial.

#### **4 METODOLOGIA, OBJETIVOS E DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE**

A metodologia utilizada neste trabalho foi da História Oral, feita por meio da entrevista. Teve-se como objetivo geral, desenvolver a metodologia de ensino de História Oral através de práticas de memória e identidade cultural por meio do resgate de receitas culinárias e tradições familiares. Tendo como objetivos específicos:

- Compreender a história da vovó por meio da entrevista, para levantamento de dados;
- Conhecer os costumes, espaços e vivências de antigamente para perceber as diferenças da atualidade;
- Perceber através da história contada como é o relacionamento da vovó com o seu passado conforme suas lembranças;
- Descobrir novas receitas culinárias, conhecendo assim a tradução e gastronomia mais antiga.

Para realização das perguntas, procuramos conhecer um pouco da história da vovó Maria Amélia, realizando um roteiro de entrevista:

1. Relate como foi a sua infância, quais eram as brincadeiras? Como era a escola e o trabalho?
2. Conte-nos fatos importantes que ocorreram durante sua vida, nascimento, casamento, filhos...
3. As meninas eram preparadas para serem donas de casa? Como era esse preparo?
4. Como e com quem você aprendeu a cozinhar?
5. Com quem você aprendeu a fazer o “Dampfnudeln”? Gostava de preparar esse prato?

A entrevista foi realizada pela filha da Maria Amélia, a Irma Jacinta Soehn Thomé, pelo fato da vovó estar debilitada e ter dificuldades em entender a língua portuguesa e sua filha ter mais facilidade de comunicação.

Após a entrevista foi realizado um levantamento de dados e a montagem de um vídeo utilizando a gravação da entrevista.

## CONCLUSÃO

Diante da História oral posta em prática na forma de entrevista, é perceptível a importância de nossa identidade e memória enquanto sujeito na sociedade. Somos sujeitos ativos, com história de vida, de fracassos, superações, e tudo interfere na nossa forma de agir, pensar e ser.

O objetivo de desenvolver a metodologia de História Oral foi muito expressivo, pois através dela conseguiu-se resgatar receitas culinárias e tradições familiares.

O trabalho foi bastante significativo, pois nos proporcionando um olhar mais amplo quanto a nossa identidade e ao resgate de memórias, que muitas vezes são esquecidas ou deixadas de lado. Ir ao reencontro de memórias nos faz seres humanos mais curiosos e participativos na sociedade em que vivemos.

## REFERÊNCIAS:

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: História, Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BOSI, Alfredo (org.). **Cultura Brasileira: temas e situações**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CHUEIRI, Vera Karam; CAMERA, Heloisa Fernandes. Direitos humanos em movimento: migração, refúgio, saudade e hospitalidade. In: **Direito, Estado e Sociedade**, vol., n.36, p. 158-177, jan./jun. 2010. Disponível em: <[http://direitoestadosociedade.jur.puc-rio.br/media/7chueiri\\_camara36.pdf](http://direitoestadosociedade.jur.puc-rio.br/media/7chueiri_camara36.pdf)>. Acesso em: 28.11.2017.

ESBOÇOS, **Revista do Programa de Pós-graduação em História** da UFSC. Florianópolis: UFSC/Gráfica Universitária, nº 11, 2004. ISSN 1414-722x.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Tradução por Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1990. Disponível por Digital Source. <[http://xa.yimg.com/kq/groups/19906282/820661633/name/LE\\_GOFF\\_HistoriaEMemoria.pdf](http://xa.yimg.com/kq/groups/19906282/820661633/name/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf)> acesso em 26/04/2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11<sup>a</sup> ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JUNGBLUT, Roque. Documentário Histórico de Porto Novo. São Miguel do Oeste/SC: Arco Iris Gráfica & Editora, 2000.

KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MAYER, Leandro. **O retrato da repressão: as perseguições a alemães no Oeste de Santa Catarina durante o Estado Novo (1937-1945)**. São Leopoldo: Oikos, 2017.

MENDES, J. M. de O. **O desafio das identidades**. In: SANTOS, B. S. (Org.) A globalização e as ciências sociais. São Paulo: Cortez, 2002.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. Projeto História - revista do programa de estudos pós-graduação em história e do departamento de história. PUC/SP. São Paulo: dez.1993. Vol. 10. (P. 1-178).

POLLAK, Michel. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, Vol. 05, nº. 10, 1992, p. 200-212.

SANTOS, Reinaldo Soares dos. O Encanto da Lagoa: **O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o turismo cultural na Lagoa Encantada**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) - Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo, UESC/UFBA, Ilhéus-Ba, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCHMIDT, M. A.; BARCA, I. (Org.) **Aprender história: perspectivas da educação histórica**. Ijuí: Unijuí, 2009

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. São Paulo, Paz e Terra, 1992.